

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

LITERATURA LATINA: HISTORIOGRAFIA OU RETÓRICA/ORATÓRIA  
TRABALHO FINAL

Professor Doutor Adriano Scatolin



Marina Paparotti Queirós (Nº USP: 9394344)

SÃO PAULO

2017

Na literatura latina, encontramos uma arte que se divide em duas: retórica, que nada mais é do que a teoria, a doutrina e o método do discursar, ou seja, a parte teórica; e oratória, que são os discursos em si, a parte prática desta arte. Com relação a esta última, no contexto da Roma republicana do século I a.C., nos restou, de modo geral, apenas os discursos de Cícero, os quais serão utilizados para descrever os principais contextos oratórios da época.

O orador Cícero nasceu em 106 a.C. e morreu em 43 a.C. Ao final de seu consulado, o qual durava um ano apenas, porém era o ápice da carreira política de um cidadão romano, ele é exilado em função de um equívoco que cometeu, contudo, conseguindo sair do exílio, o que era extremamente raro, tenta reconstruir sua história como herói, uma vez que ele tem que criar outra imagem pública para si mesmo. Assim surge *Do Orador*, escrito em 3 livros, publicado em 55 a.C., e sendo o ano de 91 a.C. sua data dramática.

O diálogo é um elogio a Crasso e a Antônio, mestres de Cícero. Cada livro começa com um prólogo, no qual ele fala em primeira pessoa, o restante são os diálogos. O primeiro livro é introdutório, ele faz uma contextualização, além de apresentar o destinatário, Quinto Cícero, seu irmão, dizendo (p. 174, §1):

Refletindo inúmeras vezes e rememorando os tempos antigos, Quinto, meu irmão, costumam parecer-me extremamente ditosos aqueles homens que, no apogeu da República, ao se distinguirem tanto pelas honrarias como pela glória de seus feitos, conseguiram manter o curso de suas vidas de modo a permanecerem ativos sem perigo ou inativos com dignidade.

Percebe-se que logo no início, Cícero, de modo sutil e muito bem estruturado, insere certas críticas e conta o que ocorreu de modo a favorecer a si próprio. No quarto parágrafo, ele faz uma dedicação do livro ao irmão. Posteriormente, ele discursa sobre a dificuldade da oratória, em função de, segundo ele, o orador dever ter um vasto conhecimento de diversas áreas, sendo estas: história, leis, emoções e urbanidade. Ele argumenta que (p.178, §17):

Realmente, é preciso adquirir o conhecimento de inúmeros assuntos, sem o qual o fluxo de palavras é vazio e risível, e o próprio discurso deve ser moldado não apenas pela escolha, como também pelo arranjo das palavras, e todas as emoções que a natureza atribuiu ao gênero humano devem ser minuciosamente conhecidas, porque todo o poder e todo o propósito da oratória devem ser manifestados acalmando-se ou incitando-se as mentes dos ouvintes.



Nesta parte, ele debate sobre a invenção, a elocução, a atuação e a memória, **que são as partes da retórica**; no trecho destacado acima, ele explica as duas primeiras. No desfecho, ele apresenta o tema do diálogo, sendo uma conversa entre dois grandes oradores, seus mestres. Na conversa, Crasso é idealista, assim como Cícero, ao passo que Antônio é pragmático, como Quinto.

No segundo e terceiro livro está a parte técnica, em outras palavras, ele expõe as partes da retórica, contudo, evitando a abstração, o uso de termos técnicos. Os argumentos, ele chama de invenção, a ordenação do discurso, de disposição ou arranjo, o modo de discursar, de elocução, e ainda acrescenta a atuação (voz, gesto e expressão facial) e a memória (natural e artificial), sendo a última, segundo ele, guardiã, ou seja, sem ela, o orador perde tudo.

Ainda nos livros técnicos, ele fala sobre os gêneros das causas. Segundo Aristóteles, esses são divididos em judicial, deliberativo e demonstrativo. No primeiro, há a acusação e defesa, que acontece no tempo passado, e o juiz ou jurado, decidindo sobre o justo e o injusto. No segundo, há o aconselhamento e o desaconselhamento, que se passa no tempo futuro, e o deliberador, determinando o útil e o nocivo. Por fim, há o louvor e o vitupério no terceiro, que acontece no tempo presente, e o espectador, estabelecendo o belo e o feio. Entretanto, em seus livros, Cícero descarta o presente do tempo demonstrativo e chama este de adorno, além de denominar os juízes de árbitros. Para ele, o judicial e o deliberativo são essenciais, ao passo que o demonstrativo pode ser deixado de lado.

Sobre a Assembleia Popular, ainda em *Do Orador*, o autor faz uma caracterização geral, dizendo que ela é o maior palco do orador, em função de nela haver uma multidão que o ouve. Assim, ele discorre sobre os problemas em discursar para muitas pessoas, que irão refletir-se em suas vaías, apresentando (p. 3, 2. 339):

Quatro remédios para essas causas: ora a repreensão, se houver autoridade; ora a advertência, uma repreensão mais branda, por assim dizer; ora a promessa de que darão sua aprovação se o ouvirem; ora a súplica, que é um elemento fraco, mas por vezes útil. Em nenhum lugar são mais úteis os gracejos, a agilidade e algum dito breve, desde que com dignidade e graça. De fato, nada mais fácil do que afastar a multidão da tristeza e, não raro, da severidade, por meio de um dito espirituoso colocado de maneira adequada, breve, aguda e bem-humorada.

Em resumo, o orador deve ter urbanidade, refinamento, humor e agilidade. Em contrapartida, no Senado, o orador deve esconder a sua arte uma vez que está rodeado de pessoas como ele. Nesse contexto, segundo Cícero, ele deve ser sábio, ter autoridade para provar, ser honesto, ser inteligente para prever e articulado para persuadir. Finalmente, a Cerimônia Fúnebre, “é completamente inadequada para a exibição de qualidades oratórias” (p. 4, 2. 341)

Isto posto, analisemos a *Defesa de Murena*, de Cícero. Em 63 a.C., durante seu consulado, junto com Hortênsio e Crasso, Cícero defende Licínio Murena de Sulpício Rufo e Catão, sendo o primeiro, amigo de Cícero. O orador utiliza-se do sublime, do urbano e do patético para discursar sobre o gênero das causas. Nos parágrafos 1 e 2, encontra-se o exórdio, como de costume, no qual ele fala sobre ética, porém, logo em seguida, do parágrafo 3 ao 10, Cícero faz uma autodefesa em função da acusação que recebe de Catão (p. 124, §3):

Catão afirma que não foi honesto da minha parte, na qualidade de cônsul, de autor de uma lei sobre a corrupção eleitoral e depois de ter exercido tão austeramente o consulado, ocupar-me do processo de Lúcio Murena. A sua crítica determina-me fortemente a justificar a razão da minha conduta, não só a vós, juízes, a quem sobretudo o devo, mas também a próprio Catão, varão dos mais severos e íntegros. Por quem, afinal, é um cônsul defendido, com mais justiça do que por um cônsul, Marco Catão? Quem é que na República, pode ou deve estar mais ligado a mim do que aquele a quem, em breve, vou confiar o cuidado de defender os interesses públicos, conservados pelos meus grandes esforços e riscos?

Adiante, ele faz uma prevenção, uma vez que se depara contra seu amigo, Sulpício Rufo. Além disso, Cícero baseia seus argumentos nos auspícios, ou seja, em sondar se os Deuses estão favoráveis à eleição, o que era evidenciado pelo voo das aves no céu e pelas entranhas de animais sacrificados, por exemplo. Contudo, mesmo com os esforços de Cícero, Murena é acusado no final.

Para encerrar, em 46 a.C., Cícero faz um discurso de agradecimento e exortação política, chamado *Discurso sobre Marcelo*. Nele, o orador faz um elogio estratégico a César, utilizando a clemência, o poder supremo, ou seja, o modo e a moderação, a brandura e, acima de tudo, a sabedoria, todos a seu favor para elogiar e, ao mesmo tempo, censurar os feitos bélicos de César, em razão de Roma encontrar-se em um período pós Guerra Civil, de reconstrução da República.

Durante a exortação política, Cícero argumenta sobre a clemência e a reconstrução da República, seu elogio é estratégico e retórico, com um tom muito sutil de ironia; os elogios bélicos e as qualificações são sempre seguidos de conjunções adversativas. Tal recurso resulta em duas interpretações distintas, uma literal, e outra irônica, sendo a última ambígua e aberta à discussão.

O orador discursa sobre o destino e a fatalidade, mencionando os deuses imortais, ele contrapõe a ignorância e o medo com a ambição e a crueldade, fala sobre o erro e o crime, atribuindo, de modo muito perspicaz, mas ao mesmo tempo afiado, a culpa da guerra a César. No desfecho, há um embate filosófico, no qual Cícero fala sobre a verdadeira honra e a verdadeira glória para tentar persuadir César de que ele não está pronto para morrer, ao contrário do que o imperador romano pensa por ter realizado grandes feitos e acumulado glórias suficientes; Cícero diz que César ainda tem um propósito a cumprir, o de reconstruir a República.

Deste modo, observam-se efeitos de sinceridade, com um tom muito cauteloso para que não se torne ríspido, além de que, apesar do discurso parecer bajulação e gratuidade, ele não o é, devendo ser visto com olhos políticos.

## REFERÊNCIAS

Cícero. *Do Orador*, 1.1-23. Tradução de Adriano Scatolin. Porto Alegre, n.12, Dezembro de 2016. Translatio.

Cícero. *Do Orador*, p. 1-18. Tradução de Adriano Scatolin.

Cícero. *Defesa de Murena*. Tradução de Ana Paula Q. F. Sottomayor.

Cícero. *Discurso sobre Marcelo*, p. 1-7.